



CONECTANDO EXPERIÊNCIAS AGROECOLÓGICAS NO TERRITÓRIO CENTRAL DO RIO GRANDE DO SUL

Connecting agroecological experiences in the Central Territory of Rio Grande do Sul

**Nayara Pasqualotto¹; Marielen Priscila Kaufmann²; Mauricio Machado Sena³; Pedro Rubin
Marquezini⁴; José Geraldo Wizniewsky⁵**

RESUMO

O Núcleo de Estudos em Agroecologia, Agrobiodiversidade e Sustentabilidade Prof. José Antônio Costabeber, da Universidade Federal de Santa Maria (NEA-UFSM), vem atuando desde 2012 na promoção da Agroecologia no Território Central do Estado do Rio Grande do Sul – Brasil. Dentre as atividades desenvolvidas pelo NEA-UFSM está o monitoramento da sustentabilidade de oito agroecossistemas em transição agroecológica, por meio do método MESMIS - Marco de Avaliação de Sistemas de Manejo de Recursos Naturais Incorporando Indicadores de Sustentabilidade. Concomitante ao monitoramento, foram realizadas as sistematizações das experiências dessas famílias, as quais possibilitaram a compreensão das dinâmicas sociais, ambientais e econômicas presentes em cada agroecossistema. Neste sentido, o presente trabalho tem como objetivo relatar as sistematizações de experiências agroecológicas desenvolvidas pelo NEA-UFSM em conjunto com um grupo de agricultores e técnicos atuantes na região. Este estudo foi realizado com base em uma pesquisa qualitativa, que de forma acessória e complementar ao MESMIS, possibilitou a compreensão das dinâmicas presentes nas atividades das famílias, universo da pesquisa, no manejo dos recursos naturais, nos agroecossistemas em transição agroecológica no território em questão.

Palavras-chave: Agroecologia, Sustentabilidade, Sistematização de Experiência.

ABSTRACT

The Studies Center in Agroecology, Agrobiodiversity and Sustainability Prof. José Antônio Costabeber in the Federal University of Santa Maria (NEA-UFSM) has been working since 2012 to promote Agroecology in the Central Territory of the State of Rio Grande do Sul - Brazil. Among the activities developed by the NEA-UFSM is the monitoring of the sustainability of eight agroecosystems in agroecological transition by the MESMIS method - Framework for the Evaluation of Natural Resource Management Systems incorporating Sustainability Indicators. Along the monitoring, the systematizations of the experiences of these families were realized, which enabled the understanding of the social, environmental and economic dynamics present in each agroecosystem. Therefore, the present paper aims to report the systematizations of agroecological experiences developed by NEA-UFSM with a group of regional farmers and technicians. For this purpose, was held a qualitative research, in a complementary way to the MESMIS, which made possible the understanding of the dynamics in the families activities, research universe, natural resources management, in agroecological transition agroecosystems in the territory in question.

Keywords: Agroecology, Sustainability, Systematization of Experience.

¹ Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Extensão Rural da Universidade Federal de Santa Maria – UFSM, e-mail: nayarapasqualotto@hotmail.com

² Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, e-mail: marielenpk@yahoo.com.br

³ Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Extensão Rural da Universidade Federal de Santa Maria – UFSM, e-mail: jornal.sena@gmail.com

⁴ Graduando em Engenharia Florestal pela Universidade Federal de Santa Maria – UFSM, e-mail: pedrofrmarquezini@hotmail.com

⁵ Docente do Programa de Pós-Graduação em Extensão Rural – UFSM, e-mail: zecowiz@gmail.com

Recebido em:

14/08/2017

Aceito para publicação em:

15/01/2018

Correspondência para:

nayarapasqualotto@hotmail.com

RECONSTRUÇÃO HISTÓRICA: A AGROECOLOGIA NA UNIVERSIDADE

As discussões acerca da agricultura sustentável na Universidade Federal de Santa Maria tiveram como precursores o casal de professores e agrônomos Ana e Artur Primavesi. Já a Agroecologia, passou a fazer parte dos debates no início dos anos 2000, seja com temas abordados em disciplinas curriculares dos cursos de graduação e pós-graduação, em grupos de pesquisa e extensão, no movimento estudantil e em cursos específicos. Ao longo deste período, muito se aprofundou sobre a ciência agroecológica, sendo que a aceitação e a receptividade ao tema é cada vez maior entre os diversos campos de conhecimento, principalmente os relacionados às ciências agrárias, mas não exclusivamente, interagindo, também, com outros campos, como das ciências sociais, naturais e da saúde.

O marco de resistência do movimento em torno da Agroecologia está centrado no trabalho do Grupo de Agroecologia Terra Sul (GATS). Fundado em abril de 2000, a partir da iniciativa de um grupo de estudantes dos cursos de Agronomia e Engenharia Florestal da UFSM, o mesmo existe até hoje ocupando uma das dependências do Departamento de Educação Agrícola e Extensão Rural. O Grupo é autogestionado com fluxos contínuos de entrada e saída de muitos estudantes e profissionais. Segundo Silva (2015) a história do grupo pode ser dividida em quatro períodos, os quais também estão vinculados com elementos externos, como as mudanças políticas no Brasil e no estado do Rio Grande do Sul.

O primeiro período, entre 2000 e 2004, foi considerado por Silva (2015) como um período de intenso debate político e embate direto contra a resistência do corpo acadêmico quanto aos princípios da sustentabilidade na agricultura. Além disso, foi um momento de resistência na Universidade e de busca de um espaço, além de promover a Agroecologia no campo acadêmico e científico. O segundo período, de 2004 a 2008, foi o momento de aliar a prática extensionista com a discussão teórica. De 2009 a 2013, considerado o terceiro período, foi o momento de reflexão e acúmulo teórico, com a proximidade de professores e pesquisadores da Agroecologia na América Latina.

Por fim, o quarto período, a partir de 2014, o grupo continua e fortalece a sua atuação com uma grande quantidade de momentos de estudos e de promoção de eventos para a construção do conhecimento junto a outros atores e grupos que surgiram nos últimos anos, mais precisamente o Grupo de Estudos em Agroecologia, Agrobiodiversidade e Sustentabilidade Professor José Antônio Costabeber.

Com a admissão de José Antônio Costabeber como docente da Universidade Federal de Santa Maria (UFMS) em 2009, após mais de 30 anos de atuação na extensão rural pública, em finais de 2009, surge o Grupo de Pesquisa em Agroecologia, Agrobiodiversidade e Sustentabilidade da UFSM que, posteriormente, recebe seu nome como homenagem. O Grupo de Pesquisa, neste momento, mobiliza os atores que já vinham desenvolvendo ações em prol da Agroecologia a se reunirem e ampliar sua atuação. Assim, passa a desenvolver ações de caráter multi e interdisciplinar, orientadas pelo enfoque agroecológico. Estas ações giram em torno da conservação da agrobiodiversidade, da promoção da sustentabilidade nos agroecossistemas e da promoção da Agroecologia, enquanto campo de conhecimento agroecológico. A atuação do grupo articula esforços de pesquisa, educação e extensão com as ações das diversas instituições atuantes no desenvolvimento regional, tais como Organizações Não Governamentais (ONGs) e instituições de Assistência Técnica e Extensão Rural (ATER).

O Grupo de Pesquisa, atualmente, é formado pelo Centro Vocacional Tecnológico (CVT-UFSM) e pelo Núcleo de Estudos em Agroecologia, Agrobiodiversidade e Sustentabilidade Prof. José Antônio Costabeber (NEA-UFSM). Esses dois grupos são importantes centros de formação de profissionais e acadêmicos relacionados à Agroecologia. Os Centros Vocacionais Tecnológicos e os Núcleos de Estudos em Agroecologia foram criados e subsidiados através do edital do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPq Nº 81/2013 - MCTI/MAPA/MDA/MEC/MPA/CNPq, objetivando o desenvolvimento de atividades de ensino, pesquisa e extensão visando a construção e socialização de conhecimentos e práticas baseados nos princípios da Agroecologia e nos Sistemas Orgânicos de Produção.

Nesse contexto, o NEA-UFSM surgiu em 2012, a partir de esforços de integrantes do GATS, Grupo de Agroecologia Terra Sul, para a consolidação de um centro de estudos focado nas temáticas da Agroecologia, sobretudo nas ciências agrárias. Com a criação do CVT-UFSM, em 2014, esse grupo de pesquisadores, professores e estudantes se consolida e amplia sua atuação na Universidade com a participação de professores e estudantes de outros campos de conhecimento, tais como a educação e a saúde, além de desenvolver ações em outros Territórios da Cidadania do estado do Rio Grande do Sul - RS.

O NEA-UFSM, o qual é o principal promotor do trabalho que resultou na presente sistematização, reúne professores, técnicos e estudantes dos cursos de graduação em Agronomia, Engenharia Florestal, Comunicação Social, Geografia, além de estudantes da Pós-graduação em Extensão Rural da UFSM.

O Núcleo centrou suas atividades nos 34 municípios que compreendem o Território da Cidadania da Região Central do Rio Grande do Sul, na tentativa de consolidar parcerias e ações conjuntas em prol do Desenvolvimento Sustentável. Os municípios compreendidos são: Agudo, Cacequi, Cachoeira do Sul, Capão do Cipó, Dilermando de Aguiar, Dona Francisca, Faxinal do Soturno, Formigueiro, Jari, Mata, Nova Esperança do Sul, Nova Palma, Quevedos, Santiago, São João do Polêsine, São Martinho da Serra, Silveira Martins, Tupanciretã, Unistalda, Vila Nova do Sul, Itaara, Ivorá, Jaguari, Júlio de Castilhos, Novo Cabrais, Paraíso do Sul, Pinhal Grande, Restinga Seca, Santa Maria, São Francisco de Assis, São Pedro do Sul, São Sepé, São Vicente do Sul e Toropi.

Santa Maria é o município polo da região, possuindo a maior área urbana e o maior em superfície, além de ocupar uma posição relativamente central no espaço físico, facilitando o acesso à maioria dos outros municípios. O principal parceiro nas atividades do referido grupo de pesquisa em Agroecologia é a Associação Riograndense de Empreendimentos de Assistência Técnica e Extensão Rural - Associação Sulina de Crédito e Assistência Rural (Emater/RS-Ascar), que tem sua sede regional no município, facilitando as tratativas e os deslocamentos. Além disso, o Instituto Federal Farroupilha, campus Jaguari e o Projeto Esperança/Coesperança, com sede, também em Santa Maria, são parceiros do NEA-UFSM. Além dessas questões operacionais, vínhamos percebendo um grande potencial e um profundo interesse dos agricultores em torno da transição agroecológica, mas de forma dispersa e isolada.

A concepção da pesquisa foi elaborada com o uso de metodologias que permitissem a participação dos agricultores. Com isso, além do conhecimento de novas ferramentas participativas na extensão rural e na pesquisa, este trabalho, também, tem um caráter educativo, contribuindo na formação diferenciada dos futuros profissionais das ciências rurais e humanas. As reuniões de planejamento e gestão das atividades, ocorreram no meio rural, nas propriedades dos agricultores participantes da sistematização, fazendo com que os educandos envolvidos pudessem conhecer a realidade do meio rural da região e se familiarizar com o trabalho de extensão rural.

Pelo exposto, o objetivo do presente artigo é relatar as sistematizações, a partir das experiências agroecológicas, desenvolvidas pelo NEA-UFSM em conjunto com um grupo de agricultores e técnicos atuantes na região, com o intuito de refletir a respeito da atuação do Núcleo de Estudos, bem como de evidenciar estas experiências, conhecê-las e socializar suas potencialidades e desafios.

PERCURSOS METODOLÓGICOS

O primeiro passo metodológico dado pelo projeto, foi o mapeamento do Território Central, com intuito de compor um panorama satisfatório da realidade existente nestes milhares de agroecossistemas, sobretudo, os quais encontram-se em processo de transição agroecológica.

Para tal, se lançou mão de, pelo menos, uma visita presencial em 32 dos 34 municípios integrantes da região, sendo que, em todos estes, o grupo esteve reunido com os escritórios municipais da Emater/RS-Ascar, e suas respectivas equipes. Nestes encontros objetivava-se, por parte do NEA-UFSM, uma minuciosa explanação dos objetivos do projeto, dos conceitos que o compunham, como Agroecossistemas, Transição Agroecológica, Agroecologia, Agriculturas de Base Ecológica, dentre

outros, para, assim, estabelecer um canal fluido de comunicação entre o NEA-UFSM e as equipes e agentes de ATER.

Alguns dos recursos utilizados para estes encontros foram o preenchimento de formulários contendo características básicas do município, características das famílias rurais, principais atividades, além de informações a respeito do próprio escritório municipal. Ao fim de cada um destes encontros, encaminhou-se uma planilha que deveria ser preenchida pela equipe de ATER, os quais deveriam realizar o levantamento das experiências em Transição Agroecológica existentes no município, resgatando informações sobre estas famílias, principalmente seus contatos e endereços.

Em posse dessas planilhas, devidamente respondidas, o NEA-UFSM teve conhecimento de 93 agroecossistemas, considerados em Transição Agroecológica no Território Central do Estado do RS. Destes, a maioria já pertencia a rede de contatos e relacionamento dos membros do NEA-UFSM em projetos e atividades anteriores, ou seja, este quadro de agroecossistemas em Transição Agroecológica não era totalmente novo para o grupo, o que facilitava a futura escolha dos que iriam compor a sistematização.

Com intuito de avaliar a sustentabilidade nos agroecossistemas em transição agroecológica no Território Central do Rio Grande do Sul foi utilizada a metodologia MESMIS – *Marco de Evaluación de Sistemas de Manejo de Recursos Naturales incorporando Indicadores de Sustentabilidad*, elaborada por Maserá, Astier e López-Ridaura (1999). Tal metodologia é amplamente utilizada em pesquisas referentes à agricultura familiar e ecológica, a qual tem caráter participativo (VERONA, 2008).

A metodologia MESMIS prevê seis etapas iniciais para a avaliação da sustentabilidade de agroecossistemas, que, segundo Maserá, Astier; López-Ridaura (1999), devem: (1) determinar o objeto de avaliação, delimitando qual o tipo de agroecossistema será estudado, quais as características socioeconômicas e ambientais devem ser consideradas; (2) determinar os pontos críticos, definindo os fatores que contribuem ou não para a sustentabilidade do agroecossistema; (3) selecionar os indicadores, que definirão quais serão os pontos em comum entre os agroecossistemas a serem utilizados na análise; (4) medição e monitoramento dos indicadores, por meio do levantamento de informações e análises referentes aos indicadores; (5) apresentação e integração dos resultados, em que será realizada a comparação entre os oito agroecossistemas estudados, a fim de analisar os fatores positivos e negativos a respeito da sustentabilidade; (6) concluir e fazer recomendações, propondo melhorias garantindo a sustentabilidade dos agroecossistemas, aprimorando o processo de avaliação e elaboração de uma síntese da análise realizada nos agroecossistemas.

Visto a demanda existente no desenvolvimento do MESMIS, principalmente relacionadas ao número de visitas aos agroecossistemas (recomenda-se um mínimo de três visitas) chegou-se, portanto, à conclusão de que oito agroecossistemas estariam dentro das limitações do grupo, em termos de recursos humanos, financeiro e de tempo. Neste grupo foi possível, então, desenvolver as atividades de maneira a respeitar e reconhecer as especificidades de cada experiência.

Um dos critérios de escolha destas oito experiências foi a busca de uma diversidade, em termos de atividades agrícolas, que representassem, assim, a pluralidade existente na agricultura familiar da região. O outro, foi o caráter de inovação tecnológica, ou seja, agroecossistemas cuja criatividade, aliada à coragem e busca por melhorias, sejam elas de caráter produtivo, ambiental ou de qualidade de vida, impulsionavam inovações tecnológicas e sustentáveis nas propriedades e na vida das famílias. Além destes, outros elementos como sucessão familiar e compreensão dos temas derivados da Agroecologia, também foram levados em consideração para a escolha.

Num primeiro momento realizou-se uma visita às propriedades, com o objetivo de convidar as famílias a fazerem parte da sistematização e, também, estabelecer um primeiro contato presencial. Aproveitou-se para a realização da entrevista—semiestruturada contendo informações sobre o agroecossistema, bem como uma travessia na propriedade, onde pode-se conhecer as atividades realizadas. Utilizou-se, durante a visita, recursos de registro audiovisual, fotografias, captações de áudio e filmagens. De acordo com Hartmann (2004) a utilização destas ferramentas audiovisuais são legitimadas por diversos autores e enriquecedoras sob a óptica da pesquisa e dos estudos de caráter antropológico, étnico, social e cultural, pois conseguem aumentar quanti e qualitativamente o material

coletado, no caso, da visita e, conseqüentemente, o leque de possibilidades de interpretações do agroecossistema em sua completude.

O caminho seguido pelo NEA-UFSM para a construção de cada uma das oito sistematizações foi ligeiramente distinto nos aspectos que contemplam as especificidades de cada agroecossistema, porém similar em termos estruturais e metodológicos. Dentro das limitações inerentes ao NEA-UFSM, visto a metodologia trabalhada, foi ainda possível atender à expectativa de abarcar uma diversidade de atividades produtivas, que fossem capazes de representar a agricultura familiar da região central do estado do Rio Grande do Sul.

As oito experiências escolhidas pertencem a cinco municípios do Território Central do estado, sendo três experiências no município de Santa Maria e nos demais municípios de Agudo, São João do Polêsine, Dona Francisca, Júlio de Castilhos e Santiago, uma experiência sistematizada.

Ao final da etapa de visitas e coleta de informações, citadas anteriormente, o NEA-UFSM encarregou-se de realizar uma sistematização escrita de cada experiência, cujos documentos, reflexões e resultados foram compartilhados em reunião coletiva, ocorrida na UFSM, com todas as famílias. Momento em que todos e todas envolvidas partilharam aprendizados, trocaram informações e contatos, realizaram questionamentos, enfim celebraram-se os resultados obtidos, as sugestões de alternativas a diversas situações dentro de cada agroecossistema identificadas pelo NEA-UFSM durante o período de desenvolvimento, explicitadas também pelos resultados obtidos nos indicadores utilizados.

REFLEXÕES

Nesse caminho percorrido pelo NEA-UFSM, em conjunto com os agricultores em processo de transição agroecológica, inseridos no Território Central da Cidadania do Rio Grande do Sul, foi aprendido, entre outras coisas, a necessidade de se propor atividades que despertem a iniciativa dos agricultores.

Apoiado em uma proposta dialógica, que se estabelece, de acordo com as contribuições de Paulo Freire, em seu livro *Extensão ou Comunicação?*

(...) ser dialógico é não invadir, é não manipular, é não organizar. Ser dialógico é empenhar-se na transformação constante da realidade. Esta é a razão pela qual, sendo o diálogo o conteúdo da forma de ser própria à existência humana, está excluído de toda relação na qual alguns homens sejam transformados em “seres para outro” por homens que são falsos “seres para si” (FREIRE, 1977, p. 28).

A relação em diferentes níveis levou nosso olhar para fatores subjetivos que se evidenciaram para além das dependências e estruturas dos agroecossistemas. Essa perspectiva enriqueceu a relação de proximidade interpessoal entre os envolvidos. Assim, para além da atividade extensionista, se buscou exercitar o empoderamento, realizado a partir das ações, construindo estratégias de contato, que se aproximassem de uma relação mais dialógica na qual a capacidade criativa, história de vida e demais motivações das famílias agricultoras pudessem se revelar.

Dentro desse contexto, também, buscamos valorizar as estratégias percebidas junto à relação do agricultor e do agroecossistema. Pudemos perceber nas famílias, dentro das diferentes regiões, grupos étnicos, situações socioeconômicas e formas de trabalhar a terra, uma relação profundamente ética com os recursos naturais. Nessa caminhada, compartilhamos conhecimento com agricultores que estão em diferentes níveis de transição agroecológica. No processo de avaliação de sustentabilidade, percebemos de forma mais complexa e profunda esses níveis.

Na experiência do município de Agudo, foi possível perceber a capacidade de superação frente às dificuldades, principalmente em relação à situação de vulnerabilidade econômica no meio rural. Na

estratégia de transição recente do cultivo do fumo, para a inserção de um sistema agroflorestal (SAF), percebemos a energia desprendida e os percalços das estratégias de transição.

Nesse sentido, a incorporação das estratégias das agriculturas sustentáveis em um agroecossistema fragilizado, onde a mecanização da área é ineficiente devido às características de solo e relevo, aliada à dependência econômica da família no plantio do fumo, se mostrou como uma oportunidade de mudança recebida com extremo entusiasmo pela família.

Um dos fatores que potencializou essa iniciativa é o reconhecimento da família em afirmar que necessitam de uma melhoria nas condições alimentares, bem como nas questões de saúde em decorrência de problemas causados pela aplicação de agroquímicos na lavoura. Ademais, possuem um profundo interesse pela dimensão ambiental do agroecossistema, perceptível em suas falas que remetem à admiração da beleza estética do lugar, reafirmando e acentuando a preocupação em recuperar a mata nativa.

Já a família agricultora do município Dona Francisca apresenta uma experiência consolidada de transição agroecológica e uma grande capacidade de aglutinação de temas ligados ao conhecimento agroecológico. Funcionando como espaço de construção de relações efetivas entre agricultores e comunidade, a família mantém como principal cultivo, o arroz orgânico, que possui certificação do produto pela rede EcoVida.

Nesta experiência, a família organiza e trabalha seu agroecossistema a partir da proposta da Agricultura Biodinâmica, desenvolvida por Rudolf Steiner, inicialmente na Alemanha, que busca conectar o agricultor à terra, através de um manejo integrado entre os fatores bióticos e abióticos dos cultivos e criações. Este estilo de agricultura prima pela relação ética e espiritual entre todos os componentes do agroecossistema. A partir dessa abordagem, os agricultores inovam ao propor cursos, mutirões e reuniões dentro de sua propriedade, participando de feiras e associações. Tudo isso ligado ao profundo sentimento de empoderamento, conhecimento de causa, engajamento político e independência às atividades, além de interferência extensionista, que eles consideram externas à sua atuação.

A experiência do município de Júlio de Castilhos também se insere em uma atividade de transição agroecológica avançada. Durante a pesquisa, avaliamos que a relação deles com o agroecossistema é diferente dos demais do grupo, uma vez que, o acesso à terra se deu pelo engajamento nos movimentos de luta pela reforma agrária.

A família faz parte do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) desde os anos 1990 e, após vários anos acampados, conseguiram seu lote no Assentamento Sobrado. A área está situada no planalto médio, numa região de coxilhas (áreas de relevo ondulado, coberto com vegetação de campo), onde a degradação do solo, a distância da cidade, a falta de acesso e estradas, desafiam as atividades da família, tanto a produção quanto a comercialização.

A resistência deles se deu, também, ao construírem um agroecossistema baseado na produção de hortaliças em uma área na qual não é comum esta atividade, pois se trata de uma região onde tradicionalmente imperam as grandes monoculturas de soja e a produção de gado. A família cultiva uma diversidade de espécies hortícolas e frutíferas, também em ambientes protegidos (estufas) e a comercialização se dá através de vários canais, como as feiras, entrega de cestas na cidade e a venda para programas institucionais, como o Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE). Outro ponto importante é a participação dos jovens nas atividades agrícolas, já que os filhos têm voz ativa nas decisões da família, bem como na participação nos lucros.

No município de Santa Maria acompanhamos três (03) agroecossistemas. Duas delas estão localizadas no distrito de Pains. Para efeitos deste trabalho, vamos considerar uma como sendo a família Pains-leite e a outra como família Pains-pêssego.

Portanto, a experiência da família Pains-leite, recebe esse codinome justamente porque a sua atividade principal é a pecuária leiteira de base familiar. O agroecossistema se caracteriza pela proximidade geográfica com a UFSM. Por se tratar de uma propriedade extremamente tecnificada, sendo uma Unidade Demonstrativa da Emater/RS-Ascar, se destacam pela estratégia de Pastoreio

Racional Voisin (PRV), o qual consiste em um sistema de manejo intensivo do pasto, em um sistema de rodízio dos animais entre pequenas porções de área. Além disso, estimula-se a manutenção da pastagem natural e a utilização de fitoterápicos no tratamento dos bovinos da propriedade. Outro ponto a se destacar é a sucessão familiar, uma vez que, o filho é um dos que administra a propriedade.

A família Pains-pêssego apresenta em seu agroecossistema interessantes estratégias de sustentabilidade, ligadas à transição agroecológica. Uma das atividades principais é a produção de frutas e hortaliças integradas com a produção de pequenos animais. Eles possuem um pomar de pêssegos, manejados de forma ecológica, integrada com a produção de aves. Entre as práticas desenvolvidas podemos apontar que, além da diversidade agrícola, nas espécies e variedades vegetais e animais, a família participa de inúmeras feiras e associações como estratégias para a comercialização.

A propriedade foi adquirida há seis anos e, desde o início, a família sempre utilizou estratégias de produção ecológica, optando por qualificar os produtos e em não se submeterem à utilização de agroquímicos, devido à preocupação com a saúde própria e do ambiente onde vivem. Os pais afirmam que todo o esforço é de produzir um ambiente propício para a permanência das crianças no meio rural.

Em Santa Maria, no distrito de Palma, a terceira experiência se utiliza da produção de hortaliças, panificados, leite e derivados para diversificar as formas de renda. Composto por um casal, a família reside em um local próximo à via de acesso principal à cidade, facilitando a comercialização. A mesma desenvolve uma série de atividades que priorizam a qualidade de vida do casal, com uma estratégia de redução da carga de trabalho, folgas programadas, contratação de mão de obra externa, apostando em produtos com maior valor agregado.

Já a família do município de Santiago, localizado ao norte de Santa Maria, se caracteriza pela participação ativa em diversos grupos, associações e feiras, bem como uma referência na liderança e empoderamento feminino, e a participação de jovens nas atividades agrícolas. Família oriunda de Porto Alegre, tipicamente urbana, mudou-se para o meio rural em busca de qualidade de vida, há dois anos, recebem constantemente visitas em sua propriedade de escolas, universidades, agricultores, como também ministram palestras e debates. Estão em constantes intercâmbios de conhecimento e experiências.

Em processo de transição agroecológica recente, uma revolução na vida deles, a experiência vem sendo marcada por vários percalços. O agroecossistema foi planejado para a produção de hortícolas e frutíferas e, gradualmente são construídas novas estruturas, como telados e estufas, haja vista que a ocupação da área é bastante recente.

Por fim, a experiência de São João do Polêsine, é um exemplo de constância na transição agroecológica, bem como de um agroecossistema sustentável, uma vez que a produção de bananas, principal cultura, se estabelece em conjunto com uma produção primária diversificada, bem como o beneficiamento e armazenagem das frutas pela família.

O trabalho é dividido, principalmente, entre dois irmãos, cuja produção, gerência, organização da propriedade e das lavouras, bem como a comercialização das frutas *in natura* e o beneficiamento e produção de derivados é de responsabilidade dos mesmos, visto que um deles possui uma agroindústria.

Durante as atividades, foram construídos espaços de trocas de experiências entre os agricultores, se destacam as duas reuniões no ano de 2015, em que contamos com a presença de grande parte dos agricultores. A primeira, que foi realizada no Auditório Claudio Mussó, na UFSM, em setembro, reuniu cinco famílias participantes. Na ocasião, tivemos a oportunidade de discutir os pontos críticos, bem como as condições da água e do solo amostrados dos agroecossistemas.

Para além da reunião, da aplicabilidade na metodologia e a abordagem técnica das oficinas, buscou-se fomentar o diálogo para a construção dos pontos críticos da sustentabilidade nos agroecossistemas. Esse exercício se deu no momento da construção dos pontos, em espaço partilhado entre os agricultores. As considerações apresentadas foram delineadas e apresentadas aos agricultores, para que todos tivessem a ciência do processo de avaliação de sustentabilidade. Esse espaço se deu

como primeiro contato entre esse grupo que, apesar das características heterogêneas, contribuíram e construíram de forma conjunta esses temas.

Além do mais, foi possível perceber uma relação interpessoal bem efusiva entre os agricultores, que trocaram contatos, compararam suas situações, estabeleceram relações e apresentaram possíveis causas e consequências diante das problemáticas apresentadas.

Essa relação fomentou a construção de grupos que se inseriram, por exemplo, na discussão das formas de certificação participativa, bem como na solicitação de um espaço de comercialização para produtos orgânicos, provindos da agricultura familiar, dentro da Universidade Federal de Santa Maria. Esse primeiro movimento, em conjunto com outras tensões e grupos, foi formalizado com a inauguração da Feira de Orgânicos Ana Maria Primavesi da UFSM que se configurou, dentro de seus parâmetros e discussões, uma importante via de acesso dos agricultores no ambiente acadêmico.

No entanto, esse caminho também se fez sobre uma série de imprevistos e percalços, apesar da proposta dialógica, acreditamos que a inserção do debate gera conflitos, externos e internos. Ao apresentarmos a Agroecologia como campo de conhecimento científico e multidisciplinar, entendemos que, para além das expectativas desenvolvidas, nosso trabalho não seria de “avaliar” uma experiência de agricultura como “certo” ou “errado”. Nesse sentido, cabe ao extensionista e pesquisador não se colocar como juiz da sustentabilidade, mas sim, tentar compreender a subjetividade da experiência desenvolvida, que transcenda a dicotomia entre agroquímico e orgânico.

Ademais, ainda em 2013, nosso primeiro contato com a realidade do Território ocorreu através de uma série de visitas aos Escritórios Municipais da Emater/RS-Ascar, que foram os principais articuladores desse primeiro encontro. Assim, tivemos que organizar nossa atuação, no intuito de focar na avaliação do agroecossistema, ao mesmo tempo que precisávamos explicar possíveis mal-entendidos e lidar com as frustrações das expectativas não atendidas.

Acreditamos também que, não apenas nessa metodologia, mas como regra geral, ao trabalharmos a ciência para fora dos muros acadêmicos sempre teremos dificuldade em regular a postura academicista, utilização dos termos e possíveis mal-entendidos devido à tentativa de simplificações.

No MESMIS, temos os pontos críticos que, segundo a literatura, se referem a características que podem estimular ou inibir os indicadores que serão avaliados no agroecossistema. No entanto, a palavra “críticos” denota uma série de conceitos que podem não ser entendidos em uma primeira instância (PASQUALOTTO, 2013). Ou seja, durante a fase de integralização dos resultados, quando voltamos às propriedades para divulgar e partilhar os resultados, foi necessário sempre frisar que a palavra não indicava a criticidade como algo negativo referente ao agroecossistema.

Assim, entre os principais desafios, destacamos a questão das distâncias geográficas entre os agroecossistemas, bem como a heterogeneidade encontrada no grupo. Uma vez que não se enquadravam nas estratégias clássicas de agrupamentos, em que se desenvolvem as atividades de ensino, pesquisa e extensão no meio rural.

Destacamos então o tamanho da área onde foi realizada execução do MESMIS, que compreendeu seis cidades do Território Central da Cidadania, que se insere em uma zona de transição entre o planalto médio, rebordo e depressão central. Caracterizado, além das divergências entre relevo, solos e biomas, pela presença de vários grupos étnicos, com diferentes formas de trabalhar e interpretar o agroecossistema.

Essa diversidade de olhares se fez presente em nosso trabalho, uma vez que poucas eram as famílias que participavam da mesma feira, cooperativa ou região. Nos deparamos com famílias em situação socioeconômica e sistemas culturais completamente distintos. Trabalhamos com um grupo que é formado por agricultores assentados, novos rurais que saíram das cidades em busca de uma melhor qualidade de vida, bem como agricultores colonos, cujas terras já estão na mesma família há gerações. Todos ainda com diferentes perspectivas e expectativas a respeito da Agroecologia, agriculturas sustentáveis e todos os temas que foram trabalhados junto aos agroecossistemas.

Nesse sentido o trabalho de contato com os agricultores revelou um exercício de articulação de interesses, ouvidoria das necessidades que incluía todos os participantes, além da adequação de uma série de fatores, como o tempo de trabalho dos agricultores, intempéries climáticas, estratégias logísticas e organização junto às dependências da UFSM (salas, laboratórios e auditórios). Esses foram construídos com a contribuição de professores, técnicos, acadêmicos e extensionistas no sentido de aperfeiçoar o trabalho desenvolvido.

É importante destacar que, nessa miríade de variáveis, nem sempre a expectativa de todos os participantes era atendida. Ademais, quando ocorreram falhas de comunicação, desencontro de datas e horários e possíveis infortúnios, sempre contaram com a colaboração, paciência e receptividades das famílias agricultoras.

LIÇÕES APRENDIDAS

Como mencionado no título do presente trabalho, um dos objetivos do NEA-UFSM é a conexão de experiências agroecológicas, formando uma rede articulada em prol da sustentabilidade dos agroecossistemas, compostas pelas famílias agricultoras, técnicos, extensionistas rurais, pesquisadores e estudantes engajados com a temática. O processo de construção das sistematizações das experiências encontradas no Território Central do Rio Grande do Sul possibilitou o engajamento e fortalecimento desta rede.

Através do mapeamento dos agroecossistemas em transição agroecológica, análise das conversas, vídeos, entrevistas, e os passos para a avaliação da sustentabilidade utilizando a ferramenta MESMIS, podemos apontar aspectos que contribuem para a transição agroecológica no território. Dentre esses, destaca-se a busca pela diversificação na produção, a criação de estratégias que possibilitem maior sustentabilidade, e alternativas para os canais de comercialização. Neste sentido, destaca-se a relevância das metodologias utilizadas no trabalho, sobretudo a ferramenta MESMIS, que possibilitaram avançar quanto à percepção acerca da sustentabilidade dos agroecossistemas em transição agroecológica no Território Central do Rio Grande do Sul.

Além das sistematizações de experiências possibilitarem a identificação e análise do processo de transição agroecológica, permitiram a formação em Agroecologia dos estudantes e pesquisadores integrantes do NEA-UFSM. A aproximação com as famílias agricultoras, o contato com as agências de assistência técnica e extensão rural contribuiu para que esses identificassem, na prática, o que muitas vezes só é visto na teoria na academia, o que é fundamental para a formação desses acadêmicos.

Por fim, admitimos que nesse balanço entre os benefícios, as incertezas e os desafios apresentados, conseguimos elaborar um trabalho que se valeu da sensibilidade dos acadêmicos, professores e extensionistas que se inseriram no grupo, bem como a compreensão, inspiração e lições de vida apreendidas com os agricultores.

AGRADECIMENTOS

Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq e à Universidade Federal de Santa Maria - UFSM, pelo financiamento do estudo e bolsas concedidas. Aos agricultores entrevistados pela receptividade e aos extensionistas rurais da Emater/RS-Ascar dos municípios Santiago, Santa Maria, Julio de Castilhos, São João do Polêsine, Dona Francisca e Agudo pela facilitação e parceria na execução das etapas do projeto. Sem a participação conjunta de todos, este trabalho não existiria.

REFERÊNCIAS

FREIRE, P. *Extensão ou Comunicação?*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

- HARTMANN, L. 'Revelando' Histórias: os usos do audiovisual na pesquisa com narradores da fronteira entre Argentina, Brasil e Uruguai. **Campos**, 5(2), 2004, p. 65-86.
- MASERA, O.; ASTIER, M.; LOPEZ-RIDAURA, S. **Sustentabilidad y manejo de recursos naturales: el marco de evaluación MESMIS**. México: Mundi-Prensa, 1999.
- PASQUALOTTO, N. **Avaliação da Sustentabilidade em Agroecossistemas Hortícolas, com Base de Produção na Agroecologia e na Agricultura Familiar, na Microrregião de Pato Branco – PR**. 2013. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Regional), Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Pato Branco 2013.
- SILVA, B. R. **Grupo de Agroecologia Terra Sul: 15 anos construindo o conhecimento agroecológico**. 2015. 56 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Agronomia). Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2015.
- VERONA, L. A. F. **Avaliação de sustentabilidade em agroecossistemas de base familiar e em transição agroecológica na região sul do Rio Grande do Sul**. Tese (Tese de Doutorado)-Pelotas: UFPel, 2008.